

A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA NA CLÍNICA: UMA CONCEPÇÃO ATUAL EM PSICOTERAPIA

Maria Helena Soares Souza Marques Dias*

Resumo

A Psicologia Sócio-Histórica na Clínica trabalha com o modelo Relacional Dialógico. Oferece proposta genética para a compreensão da estruturação do “EU”, entendido como entidade psico-sócio-histórica. Estabelece paralelo entre os passos desenvolvimentais, Vygotsky (1994) e as estruturas de personalidade quanto à forma de processamento e mediação do real, à percepção própria e dos outros, bem como o modo de relacionamento. O sentido subjetivo que modela a experiência de vida é construído no intercâmbio “bio-psico-social” de cada ser, acontecido ou imaginado nas primeiras relações significativas, repetindo-se como modelo de interação no presente e, de modo mais evidente, quando surgem perturbações psicológicas, dessa maneira se utilizando como método o Conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). O processo dinâmico-relacional está centrado no intercurso das emoções e seus significados, através da análise psicológica e do desdobramento dos elementos constituintes da reação mental. Engloba o modelo espontâneo de regulação da vida emocional, a relação figura cuidador/criança que assegura a primeira estruturação da mente - “EU”. Procura “fazer sentido da experiência no aqui e agora no contato com o cliente”, Leal, (1999). Assim, a psicoterapia como espaço contingente, promove o desenvolvimento sócio-emocional e psicológico do cliente. O “eu se define pelo outro, na medida em que este completa a sua intenção” Leal, (1997). Contribui para o emergir de significados e de símbolos, pois se ajustam e conferem os respectivos entendimentos.

Palavras-Chaves: Sócio-Histórica, psicoterapia, Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), Relacional-Dialógica.

* Psicóloga Mestre em Psicologia Social e da Personalidade – Coordenadora do IPAF/RS – Instituto de Psicologia Aplicada e Formação – Instituto Europeu com Atuação no Brasil – Docente da URCAMP – Universidade da Região da Campanha – Bagé/RS – Psicóloga Hospitalar – E-mail: mhmdias@uol.com.br

Abstract

History-Social Psychology in the Clinic works with the Relational model Dialogic. It offers a proposal genetic for the understanding of the structured of "I", understood as psycho-partner-historical entity. It establishes a parallel between the development steps, Vygotsky (1994) and the structures of personality how much to the form of processing and mediation of the Real, to the proper perception and of the others, as well as the way of relationship. The subjective direction that shapes the life experience is constructed in the "bio-psycho-social" interchange of each being, happened or imagined in the first significant relations, happening again itself as model of interaction in the gift and, in more evident way, when psychological disturbances appear, in this way if using as method the Concept of Zone of Development Proximal (ZDP). The dynamic-relational process is centered in intercourse of the emotions and its meanings, through the psychological analysis and of the unfolding of the constituent elements of the mental reaction. Engloba the spontaneous model of regulation of the emotional life, the relation appears "cuidador/children" that assures the first structured of the mind - "I". Search "to make sensible of the experience in here and now in the contact with the customer", Loyal, (1999). Thus, the psychotherapy as contingent space, promotes the partner-emotional and psychological development of the customer. "I if it defines for the other, in the measure where the this complete its Loyal intention", (1997). It contributes to emerge it of meanings and symbols, therefore the respective agreements are adjusted and conferred.

Key-Works: History-Social, psychotherapy, Zone of Development Proximal (ZDP), Dialogic-Relation

As práticas clínicas atuais apontam para um maior interesse e preocupação com o contexto social, exigindo dos profissionais da Psicologia um novo olhar nos conceitos teóricos da Psicoterapia.

Esse novo olhar se volta para a noção da subjetividade como resultante de uma construção social e histórica e faz-nos repensar nossa postura diante do ato clínico.

Pensando assim, o IPAF – Instituto de Psicologia Aplicada e Formação, sensível a essa necessidade de redefinição e reconstrução da Psicoterapia, de seus agentes, processos e resultados, e ao mesmo tempo, primando pela Psicologia enquanto Ciência e Profissão, adota os conceitos da Psicologia Sócio-Histórica na Clínica, como nova modalidade de compreensão nos processos psicoterapêuticos.

O IPAF – Instituto de Psicologia Aplicada e Formação, surge na década de 90 em Portugal, quando Quintino-Aires, seu idealizador e Presidente, funda esta Escola de formação de Psicólogos Clínicos, suportada nas obras de Vygotsky, Luria, Leontiev e Maria Rita Mendes Leal. Fundado em Lisboa, iniciou suas atividades em julho do mesmo ano e seu crescimento, aceitabilidade e respeitabilidade no meio científico e acadêmico o levou a abertura de novas unidades no Ocidente, como Brasil e Espanha.

A psicoterapia é uma forma recorrente de interação social (relação social) e seu espaço de ocorrência são os espaços psicológicos, lugar da realidade de cada um, podendo-se dizer, portanto, que ocorre duas vezes, uma em cada um destes espaços psicológicos envolvidos, ou seja, o espaço do psicoterapeuta e do cliente.

Na visão de Bock, Gonçalves e Furtado (2001), a Psicoterapia é um processo de diálogo no qual emergem os sujeitos do processo constituídos em suas histórias e diferenças, a qual representa um momento constitutivo das diferentes produções co-construídas que possam aparecer neste processo.

A abordagem da Psicoterapia Sócio-Histórica no Modelo Relacional Dialógico tem demonstrado grande êxito nos resultados obtidos no tratamento dos mais variados transtornos e patologias clínicas e na visão de Romanini (2003), a eficácia desse novo paradigma, está baseada no sucesso do estabelecimento de um vínculo terapêutico, na qual a cooperação se alia a recursos técnicos e habilidades pessoais do terapeuta, visando alcançar os objetivos propostos, enquadrados em organismos científicos.

Essa nova abordagem em psicoterapia, tem como fundamento três pilares, quais sejam: “Saber pensar”, “Saber fazer” e “Saber estar”, exigindo do psicoterapeuta, segundo Quintino-Aires (2001), uma postura ética e profissional centrada no desenvolvimento dessas competências.

Tem como alicerce básico à compreensão dos processos psicológicos e sua rede de significados, dentro de uma visão dialética, estabelecida através da percepção, seleção e significação das informações provenientes do meio interno e externo.

O Modelo Relacional Dialógico, de autoria de Maria Rita Mendes Leal, apresenta uma proposta genética desenvolvimental para a compreensão do “EU” e

estabelece uma ligação entre os passos do desenvolvimento e as estruturas de personalidade (Leal,1999;Rio, M, 2001), sendo essas encaradas como a forma de processamento e mediação do real, a percepção própria e dos outros, as defesas adotadas e o modo de relacionamento.

O processo dinâmico relacional, neste modelo, está centrado nas emoções e seus significados, enquadrando-se nas psicoterapias dinâmicas, incidindo sobre o intercurso relacional e focando o modelo espontâneo de regulação da vida emocional, presente no começo da vida interior da relação mãe-criança, que assegura a primeira estruturação da mente, o “EU” (Rio, M, 2001).

Desse modo, procura “definir” a emoção e compreendê-la como fenômeno mental, como gerador e organizador de todos os outros eventos mentais, incluindo o pensar , a linguagem e a atividade simbólica, afirma Leal (1995)

A Psicologia Sócio-Histórica, a partir da concepção marxista de Homem e de mundo, estudada por Vigotski, e seus companheiros Luria e Leontiev, buscam redefinir o método de compreensão do fenômeno humano a ser pesquisado pela psicologia. (Tanamachi, 1997).

Essas preocupações os levaram a pesquisar as formas superiores de comportamento, tais como linguagem, memória, atenção, pensamento, e a entendê-las a partir das relações sociais que o indivíduo estabelece com o mundo, segundo Oliveira (1995)

Vigotski buscou compreender os fenômenos psicológicos enquanto “mediações entre a história social e a vida concreta dos indivíduos” (Meira, 2000, p. 50). Essas mediações ocorrem através da atividade prática humana, pois ao produzir suas formas de subsistência, indiretamente o Homem se autoproduz.

Os produtos da atividade humana são sempre coletivos na medida em que só adquirem um significado a partir da vivência social, que é mediada pela linguagem. Por isso não é possível falar de natureza humana como algo a priori, universal e abstrato. É na realidade concreta que nossas subjetividades são constituídas e, portanto, o que existe, em oposição à idéia de essência humana é a condição humana.

Bock (2003) , compreende o homem na Psicologia sócio-histórica , enquanto ser ativo, social e histórico e o papel da atividade humana na constituição de subjetividade, possibilita a transformação por meio da ação dos indivíduos.

Para Vigotski, “o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido. (1988b, p.

69)”, e a partir das leis da dialética, Vigotski (1988b) propõe alguns princípios necessários à investigação das funções psicológicas superiores, ou seja, analisar processos e não objetos; Explicação versus descrição: ao invés de descrever um fenômeno, como as ciências positivistas o fazem. A psicologia Sócio-Histórica procura compreendê-lo em sua essência, em sua totalidade.

Vigotski (1998), estudou a linguagem enquanto função psíquica superior, que é primeiramente social, resultado da relação entre as pessoas (criança e os outros), para depois ser interiorizada, como resultado da ação do próprio indivíduo, transformando-se em um instrumento regulador do comportamento.

Igualmente, para Marková & Foppa (1990), a linguagem é resultado de um sistema simbólico, concebido como mediando as trocas do sujeito com o mundo social e físico que o cerca. Este sistema de mediação simbólica (Mead, 1934; Vygotsky, 1978; Vygotsky & Luria, 1994), que resultou da história cultural da humanidade, constitui o sujeito psicológico humano, tal como o faz a história filogenética em relação à espécie humana, simbólica.

Vygotsky & Luria (1994), descrevem o desenvolvimento como um processo dinâmico em que se alternam estágios de relativa estabilidade e os períodos de mudanças radicais – as crises, são entendidas como positivas, pois modificam velhas relações e abrem espaço para a criação de novas possibilidades.

Entendendo o desenvolvimento enquanto processo dinâmico e utilizando-se o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), Vigotski (1988a) refere que existe o nível de desenvolvimento real ou efetivo e a Zona de desenvolvimento proximal correspondente àquelas atividades que o sujeito ainda não consegue realizar sozinho, mas consegue com a ajuda de outra pessoa, aqui representada pela figura do psicoterapeuta.

Esse mediador (psicoterapeuta), nessa perspectiva é sentido como um companheiro dinâmico, que guia, regula, seleciona, compara, analisa e registra o desenvolvimento, ajudando o cliente a produzir o aparecimento de novas maneiras de pensar e, da mesma forma propicia a este, o desencadear de processos de modificação de esquemas de conhecimentos, construindo-se, assim novos saberes. Desse modo, segundo Antunes(2002), ao receber intervenções pertinentes nesse espaço, a mente humana pode em outras e novas oportunidades, desenvolver esse mesmo esquema de procedimentos, aprendendo de maneira autônoma.

Intervir em zonas de Desenvolvimento Proximal, significa, portanto “ministrar a cura conforme a evolução da doença” e, segundo Antunes (2002) esta “doença” da

aprendizagem imperfeita subordina-se a fatores emocionais diversos que exige habilidade para manter o curso quando necessário, mas ousadia para mudá-lo, se indispensável. Assim, destacamos o êxito da cura ao clima afetivo que integram o cliente àquele que o trata, posto que o vínculo emocional será sempre um suporte aos aspectos essenciais do trabalho cognoscitivo

A atuação na ZPD, portanto, para o autor acima citado, se mostra bem eficiente quando descobrimos meios de ajudar o indivíduo a recontextualizar e reconstruir o aprendido, reorganizando suas experiências e seus conhecimentos em termos de novos significados.

Desta forma, a Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP – é descrita como um espaço teórico gerado na própria interação entre psicoterapeuta e cliente em função dos esquemas de conhecimento sobre a tarefa a ser realizada pertencentes a este último e os saberes, recursos e suportes de apoio utilizados pelo psicoterapeuta.

Assim, a Psicoterapia Sócio-Histórica, utiliza-se do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP da teoria Vygotskyana na clínica psicológica, por crer que esta diz respeito a funções emergentes no sujeito, as capacidades que ainda necessitam ser manifestadas com apoio em recursos auxiliares oferecidos pelo outro (psicoterapeuta), no processo terapêutico. O que irá caracterizar o desenvolvimento proximal é justamente a capacidade que surge e desenvolve, de modo partilhado, entre terapeuta e cliente na sessão de consulta. Com seu burilamento e internalização, o desenvolvimento se consolida, abrindo sempre novas possibilidades de funções emergentes.

As interações servem como possibilidade de crescimento e novas aprendizagens. Davis, Silva e Espósito (1989), afirmam que:

“a interação com o outro – seja ele um adulto ou uma criança mais experiente – adquire, assim, um caráter estruturante na construção do conhecimento na medida em que oferece, além da dimensão afetiva, desafio e apoio para a atividade cognitiva. A interação social atua dessa forma, sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, fazendo com que processos maturacionais em andamento venham a se completar, fornecendo novas bases pra novas aprendizagens..” (p.52)

Nessa sentido, se entende que a intervenção do Psicoterapeuta experiente, como mediador, orienta e intermedia trocas, favorecendo o conflito cognitivo e a busca de

resolução dos mesmos. Desse modo, justifica-se a importância da atividade Psicoterapêutica, já que serve como espaço de confronto com conteúdos individuais e norteia a interação. Da mesma forma, percebe-se que a troca de experiências vai sendo edificada a partir da reflexão e da construção EU/OUTRO, fator fundamental para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos envolvidos.

A Zona de Desenvolvimento Proximal, portanto, neste novo paradigma é utilizada como um conceito ou um método para a busca de soluções de conflitos vivenciados pelo cliente, pois conforme Oliveira (1999): “é na Zona de Desenvolvimento Proximal que a interferência de outros indivíduos é mais transformadora .” (p.61)

Embora as pessoas apresentem uma aparente homogeneidade, ressalta Antunes (2002), diferem sobremaneira entre si, tomando-se como referências as possibilidades futuras de aprendizagem e desenvolvimento. Desta feita, o psicólogo, de posse desses dados, poderá intervir na gênese das funções psicológicas superiores, uma vez que a Zona de Desenvolvimento Proximal, é a região dinâmica que possibilita o processo de internalização (transição do interpsicológico para o intrapsicológico).

Desse modo, a Zona de Desenvolvimento Proximal representa mudança de enfoque na própria teoria, permitindo o deslocamento do foco-atividade mediado pelo signo para o desenvolvimento e a prática psicoterapêuticas.

Nessa linha de pensamento, acreditamos que a relação Psicoterapêutica favorece a tomada de consciência acerca das decisões, na medida em que o partilhar de idéias, durante as sessões Psicoterápicas e a interação entre essa díade, contribui para a eficácia do processo de Psicoterapia.

Na visão de Vygotsky (1972), a internalização é o resultado de uma série de transformações , em que um processo interpessoal (externo) converte-se em um processo intrapessoal (interno).

Desta feita , apreende-se que, o processo pelo qual o indivíduo internaliza os conteúdos fornecidos na sessão psicoterápica, não é um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. Neste sentido, o conteúdo simbólico imanente na interação possui um significado compartilhado e, ao se tornar um processo intrapsíquico, este conteúdo sofre uma síntese comprometida com o sentido pessoal que o indivíduo atribui àquele conteúdo interiorizado.

Alvarez e Del Rio (1996, p. 86), apontam também que os processos externos são transformados para criar processos internos e utiliza as idéias de Leontiev, um dos principais seguidores de Vygotsky, o qual descreve que:

A ação interior constitui-se, portanto, primeiro sob a forma de uma ação exterior desenvolvida. Posteriormente, após uma transformação progressiva – generalização, redução específica dos seus encadeamentos, modificação do nível em que se efetua – ela interioriza-se, isto é, transforma-se em ação interior, desenrolando-se inteiramente no espírito da criança (2000, p. 200).

Conseqüentemente, o processo de interiorização está permeado por uma re-significação individual, re-significação esta que metamorfoseia o conteúdo compartilhado nas sessões de Psicoterapia e vai adquirindo um sentido intrapsíquico singular.

Assim sendo, compreendemos na Psicoterapia Sócio-Histórica, que a Zona de Desenvolvimento Proximal - ZPD , refere-se, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão, ao longo do processo psicoterápico, funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real.

Acredita-se, portanto, que a área de desenvolvimento potencial permite-nos, trabalhar na relação terapêutica, a dinâmica do desenvolvimento do cliente e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação.

Deste modo, assevera Quintino-Aires (2003), os meios utilizados pelo outro (terapeuta), para colocar limites e/ou interpretar as ações do sujeito (cliente) e os meios empregados pelo sujeito (cliente), para fazer o mesmo em relação à ação do outro (terapeuta), são transformados em recursos para o cliente regular a sua própria ação. Dessa relação psicoterapêutica nasce à auto-regulação, que é fundamento do ato voluntário. Assim, fica caracterizado o processo pelo qual o funcionamento do plano intersubjetivo permite criar o funcionamento individual.

Quintino-Aires (2003), entende ainda que nesse sentido, a organização do aparelho mental depende de como o EU conseguiu traduzir mentalmente o seu encontro com os elementos do real, como classifica e agrupa, dentro da rede de trocas interpessoais (cliente/psicoterapeuta), através da contingência do outro (psicoterapeuta), a forma de conceber-se como ser distinto, fonte de intenções, desejos, emoções e necessidades.

A partir da atenção expectante do EU (cliente), segundo Leal (1999), que toma a iniciativa e dá contingência ritmada do outro (psicoterapeuta), que transforma essa

iniciativa em mensagem , nasce à reciprocidade e alternância, o que se caracteriza como padrão nuclear da organização da mente.

A consciência e as emoções , segundo Vigotski (1972) e Aguiar (2001), devem ser estudadas como funções, sendo a atividade humana que dá origem à consciência. A linguagem tem papel essencial na formação da consciência, já que é através dela que o homem pode transmitir suas representações de uma geração a outra, pode refletir sobre o mundo que o cria e, ao criá-lo, pode estruturar sua consciência.

Por conseguinte, é nesse movimento externo/interno, social/individual, outro/eu que vai se constituindo a subjetividade humana como intersubjetividade, a partir do significado intercambiado na relação Psicoterapeuta/Cliente.

Fogel & Lyra (1997) e Leal (1999) descrevem que a comunicação, desde o início da vida é entendida como um sistema de relações social inserido no ambiente cultural e específico do sujeito. Assim, o desenvolvimento da comunicação, para esses autores, é concebido como um processo histórico e relacional-dialógico, que constrói novas formas a partir da reorganização das relações implicadas nos sistemas que compõem as trocas comunicativas.

Dessa forma, o sistema de comunicação faz emergir e desenvolver o sujeito psicológico humano, que dispõe da linguagem e dos símbolos como instrumento (Vygotsky, 2001), através do processo de triangulação: “EU – OBJETO - OUTRO”.

Na Psicoterapia, Leal (2003) caracteriza a relação de objeto como presente na interação e comunicação atual com o outro (terapeuta), o que terapeuticamente favorece a busca pela mudança e alívio do sofrimento do cliente.

Para que os sintomas e signos surjam tem que haver um contexto de processamento de informação autorreferencial que permita a aparição deste tipo de fenômeno, na modalidade de processamento normal de significado.

Nesse sentido, o símbolo é entendido como organizador de experiências emocionais, pois tem o papel de equilíbrio entre estas e o mundo exterior (Leal, 2003; Vygotsky, 2001), na medida em que o homem se forma constituindo a sua consciência, e, através da mediação de signos, incorpora-se à comunidade, internalizando o social (externo).

A relação psicoterapêutica, na abordagem Sócio-Histórica é dialógica e dialética, especificamente quanto à arte do diálogo , o qual emerge de um processo dinâmico de construção de si mesmo, de essencialização. Quanto à dialética, esta implica numa visão

de homem e de mundo como totalidade inserida na concretude. A realidade é vista como uma concepção dinâmica, intimamente ligada com a práxis.

No processo psicoterápico se faz presente à relação Eu-Tu. Esta é o encontro permeado pela reciprocidade onde um e outro estão disponíveis. Desse modo torna-se possível à integração que Leal (2003) e Quintino-Aires (1999) tanto prezam. O dialógico permite uma abertura para as pessoas experienciarem o mundo e a si mesmas de uma forma totalizadora.

Igualmente Rijo (2003) ao referir-se à Psicoterapia, esta compara o processo psicoterapêutico a uma dança, na qual o psicoterapeuta, para promover o desenvolvimento cognitivo e emocional do cliente destaca a importância de se estabelecer entre estes uma relação melódica (tratamento falado), um fluir entre ambos, um turn-taking (agora tu... agora eu), como se dançarinos fossem: um (o psicoterapeuta) deixa que o outro (cliente), tome a iniciativa e depois acompanha os passos de seu par com repetições e ecos, numa dualidade.

Neste processo psicoterápico, Rijo (2003) ainda chama a atenção para o valor “nessa dança terapêutica” do respeito ao *timing* do paciente e assinala que o progresso da psicoterapia, ou seja, os avanços e recuos no intercurso relacional, dependem de como os passos serão conduzidos e da confiança e compreensibilidade que o terapeuta, como mediador, irá possibilitar as expressões das vivências ameaçadoras e as riquezas inesperadas ou encobertas até então pelo cliente.

Assim, nesse novo paradigma profissional, diz Quintino-Aires (2002), o psicoterapeuta coloca seus valores em suspenso para estar com o cliente de modo aberto para ajudá-lo a vê-lo como ele se vê. Isso torna possível uma profunda compreensão do outro. Na base desse processo está o encontro que é a condição fundamental para que a relação Eu-Tu ocorra. Não o tempo todo, mas prevalecendo sobre a relação Eu-Isso.

Na relação psicoterapêutica o falar corresponde ao agir, a palavra se torna espaço para o indivíduo se expressar e constituir a sua própria existência. Através da verbalização, os conteúdos individuais podem emergir e serem trabalhados com a conscientização. Ao falar ao Outro (terapeuta), há a troca entre quem expressa e quem recebe, ocorrendo uma interação entre as pessoas, que estão nesse momento expressando a sua subjetividade, considerando a importância do que está sendo dito e a quem está sendo dito.

Este tipo de diálogo só é possível no encontro, e depende da mutualidade, da troca, como fala possível à descoberta do Outro, diferindo assim do mero discurso vazio,

pois a responsividade que Leal (1998) considera essencial para a relação, a experiência de receber a palavra, a postura de escuta do ser do Outro é condição para a reciprocidade. Assim, considerando as pessoas envolvidas no que está sendo dito e o significado que uma tem para a outra, pode-se observar o quanto à responsabilidade está presente e mostra-se fundamental nessa relação.

Nessa Linha de pensamento, Bock, Gonçalves e Furtado (2001), acreditam que a qualidade do diálogo na relação terapêutica determina os processos de sentido e significação, gerando novos espaços de subjetivação, os quais permitem ao cliente “reposicionar-se” em relação aos conflitos vividos.

Convém salientar que na relação psicoterapêutica, conforme Leal (2003), a postura do cliente perante o seu mundo interno de vivências, possibilita a este e ao profissional compreender a dificuldade presente e, dentro desse contexto específico, avaliar os recursos adaptativos e criativos utilizados pelo mesmo.

Quintino-Aires (2001), destaca no processo de psicoterapia, o papel do terapeuta e do cliente como agentes dinâmicos e integrados, vinculados aos seus próprios projetos e essa relação acontece no âmbito do que Leal (1999) chama de dimensão do entre: união do mundo subjetivo do cliente com o mundo subjetivo do psicoterapeuta com suas afetações possíveis. Desse modo o encontro não se centra no cliente nem no psicoterapeuta e sim naquilo que constroem juntos nesse entre.

O psicoterapeuta, refere Quintino-Aires (2002) é aquele que ouve e traduz, desempenhando um papel de testemunha e de contendor da palavra e do símbolo. Nesse sentido, exerce o papel de mediador das relações, que abrange interlocutores o passado e do presente, garantindo ao cliente uma movimentação mais fluida nessa rede de relacionamento, acreditando que a este cabe a iniciativa de querer mudar, a partir de um movimento interior.

Dentro desse novo paradigma, Fonseca (2001) e Rio (2002) dizem que o psicoterapeuta deve ter habilidades para apreender a classe de recursos disponíveis, e da mesma forma, saber identificar os significados e intenções subjacentes, de forma a promover a carência das contingências implícitas às iniciativas do cliente.

Desse modo, o psicoterapeuta desempenhando o papel de mediador diante das compreensões e incompreensões partilhadas nas situações que se criam no “setting terapêutico”, as utiliza como base para a reestruturação dos padrões nucleares da organização do aparelho mental.

Neste marco relacional-dialógico, o ser humano é entendido como um sistema organizado e complexo, que gera significados permanentemente a partir de uma história de distinções em sua própria experiência, na qual vai resultar uma teoria do mundo e de si mesmo com distintos graus possíveis de unitariedade e continuidade na dimensão temporal.

Desse modo, Quintino-Aires (2002) assevera que a atividade psicoterápica, conseguida pela interação do desenvolvimento histórico, mediado pelo outro através de diálogos internalizados em intercâmbio dialógico entre parceiros emocionalmente envolvidos, possibilita o surgimento gradual de um significado que ao colocar-se entre “mim” e o “outro” – é submetido a uma análise e reconstrução a partir de sistemas funcionais modificados.

Igualmente, Rocha (2003) destaca que se a estrutura psíquica do ser humano é organizada na relação com o outro, torna-se indispensável à existência de alguém, denominado de “Cuidador”, que lhe proporcione um diálogo coerente e estável que facilite o processo de socialização, ou seja, a interiorização da cultura e das normas sociais, que lhe permita identificar e estabilizar as emoções, ganhar auto-estima e ancorar de forma segura todos os comportamentos.

O Psicoterapeuta Sócio-Histórico Relacional Dialógico, portanto, para Quintino-Aires (2001) e Do Vale (2002), é um interlocutor válido e contingente a um EU em sofrimento, que se desorganizou em determinada altura de seu percurso de vida. Dessa forma, a compreensão empática no ato do acolhimento, por parte deste profissional, envolve o indivíduo num primeiro contato relacional, contextualizado e significado de todo o seu sofrimento explícito e implícito, assumindo este Outro, um papel válido na ação de reconhecimento de toda a sua dor desestruturante.

Assim, a Psicoterapia Sócio-Histórica no Modelo Relacional Dialógico, privilegia o acesso à pessoa total enquanto entidade psico-sócio-emocional, integrando o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e social. Nesse sentido, o intercâmbio emocional de ressonâncias múltiplas, permite articular o biológico com o mental, desencadeando o desenvolvimento de estruturas psíquicas na procura do conhecimento e levando o indivíduo à transformação com uma tomada de consciência.

Portanto, nesse novo paradigma, a Psicoterapia, tendo o seu papel de desenvolver pensamentos superiores, auxilia no desenvolvimento psíquico do sujeito, pois a intersubjetividade existente nesse espaço e as relações ali estabelecidas ampliam o

horizonte e a consciência, ou seja, modifica o modo de ver e relacionar com o mundo. É um fator de enriquecimento para o desenvolvimento do ser humano.

A caracterização da Psicoterapia como a proposta com a utilização dos conceitos Vygotskyanos e o modelo Relacional Dialógico, representa um desafio ao Psicólogo instigado pelo desejo de mudanças em sua prática profissional e ao mesmo tempo reafirma a grandeza e certeza de que devemos estar abertos a novas experiências através da relação e diálogo, pois somente assim é possível a criação de sentido “externa e internamente”.

Como conclusão, pode-se considerar que a Psicoterapia Sócio-Histórica é um dos *locus* onde ocorre à ampliação da consciência e que busca uma visão totalizante do fenômeno humano, estimulando a criação de sentidos individuais com relação ao todo da vida. Promove um autoconhecimento, que permite maior equilíbrio entre o sentir, o pensar e o fazer.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, W. M. J. **Consciência e Atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-histórica.** In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001. p. 95-110.
- ALVAREZ, A.; DEL RIO, P. **Educação e desenvolvimento: a teoria de Vygotsky e a zona de desenvolvimento próximo.** In: COLL, C.; PALACIOS, J. ; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 79-104. 2 v.
- ANTUNES, Celso. **Vigotsky, Quem Diria?! Em minha Sala de Aula:** fascículo 12/Celso Antunes.
- BOCK, A. M. B. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia.** In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-35.
- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001.
- DO VALE, L.(2002) **A Necessidade de um “Outro” no Desenvolvimento do Aparelho Psíquico.** vol.II, Nº7 , PP 5-10. *Jornal de Psicologia Clínica do IPAF.* Lisboa
- FURTADO, O. n. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001. p. 75-93.
- FONSECA, S. (2001). **Narrativa da Vida: Psicoterapia como o Ensaio da Relação.** *Jornal de Psicologia Clínica. IPAF. Volume I. Nº 1.*
- GÓES, Maria Cecília, **A natureza social do desenvolvimento psicológico.** In: *Cadernos CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade – Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética.* 2ª ed., São Paulo: Papiros, 1991, p.17-24
- LEAL, M.R (1993). **A Psicoterapia como Aprendizagem.** Lisboa: Edição da Associação dos Psicólogos Portugueses.
- LEAL, M.R.M & Garcia, R.M.B. (1997). **O Processo de Hominização. Bios transforma-se em Psyche.** Lisboa: Associação de Pedagogia Infantil, Escola Superior de Educadores da Infância.

- LEAL, M.R.M (2003). **Comunicação Primária e Intercâmbio Mutuamente Contingente**. São Paulo: 3ª imagem.
- LEAL, M.R.M. (1995). **Introdução ao estudo dos processos de Socialização Precoce da Criança**. Lisboa: Edição da autora, impresso em Proença CRL.
- LEAL, M.S. (2004). **O Papel da Dança de Pares no Desenvolvimento Emocional**. Lisboa: Volume. 4. Nº 13, PP de 11-15. Jornal de Psicologia Clínica. IPAF (2004)
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 2000.
- MEIRA, M.E.M. **Psicologia Escolar: Pensamento Crítico e Práticas profissionais**. In: TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M (Orgs) **Psicologia da Educação**. São Paulo, ED. Casa do Psicólogo, 2000
- OLIVEIRA, M.K. **Vigotsky – aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de, Vygotsky. **Aprendizado e desenvolvimento um processo socio-histórico**. São Paulo: editora Scipione, 1995.
- QUINTINO-AIRES, J (1999) **Apontamentos do Curso Pós-Graduado de Consulta Psicológica e Psicoterapia**, IPAF., Lisboa.
- QUINTINO-AIRES, J. (1999). **Apontamentos do Curso Pós-Graduado em Consulta Psicológica e Psicoterapia**. IPAF., Lisboa.
- QUINTINO-AIRES, J. (2000). **Apontamentos do curso Pós-Graduado de Consulta Psicológica e Psicoterapia**. IPAF. Coimbra.
- QUINTINO-AIRES, J. (2001/2002). **Apontamentos do Curso Pós-Graduado de Consulta Psicológica e Psicoterapia**. IPAF – Funchal.
- QUINTINO-AIRES. J. (1998/1999). **Apontamentos do Curso Pós-Graduado em Consulta Psicológica e Psicoterapia**. IPAF – Porto.
- RIJO, M. G .ALMAS; **A Psicoterapia como Melodia Relacional Dialógica**. Lisboa.(2003).Vol.III, Nº12, pp55-59. Jornal de Psicologia Clínica do IPAF
- RIO, M.J. (2001). **Afectologia Genética: Uma Proposta Desenvolvimental e Relacional para a Compreensão da Psicopatologia**. Jornal de Psicologia Clínica do IPAF. Volume I. Nº 1.
- ROMANINI, L.(2003) **A Arte de Ser Psicólogo**. Lisboa. Jornal de Psicologia Clínica do IPAF vol. III Nº 11
- SOARES, S., Pintor, Soares (2004). **A Psicoterapia Relacional Dialógica e as Histórias de Vida**. Lisboa: Volume. 4. Nº 14. PP 43-48.

- TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M(Orgs) **Psicologia da Educação**. São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, 2000
- VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b
- VIGOTSKI, L.S. **Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na idade escolar**. In: Vigotski, L.S.; Luria,A.R.; LEONTIEV,A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo, Ed: Cone, 1988^a, p 103-117
- VILLAR, P (2004). **O Papel do 4º Cuidador no Desenvolvimento Emocional**. Lisboa: Volume. III, Nº 13, PP 41-44. Jornal de Psicologia Clínica do IPAF.
- VYGOTSKY, L. (1998) “**Cap. IV: Internalización de las funciones psicológicas superiores**”. Y “**Cap. VI. Interacción entre aprendizaje y desarrollo**” en: El desarrollo de los procesos psicológicos superiores, crítica, Grisolbo, México, pp. 87-94 y 123-140.
- VYGOTSKY, L.S.(1979) **Em desarrollo de los procesos psicológicos superiores**. Barcelona, Crítica .
- VYGOTSKY, L.S.(1979) **Interacción entre aprendizaje y desarrollo**. Barcelona, Crítica.
- VYGOTSKY, L.S.(1979) **Instrumento y simbolo em el desarrollo Del nino**. Barcelona